

**A PRESERVAÇÃO DE ACERVOS DE  
BIBLIOTECAS E SUA IMPORTÂNCIA NA  
ATUALIDADE: a ótica dos bibliotecários da  
UFMG**

***THE PRESERVATION OF LIBRARIES'  
COLLECTIONS AND THEIR CONTEMPORARY  
IMPORTANCE : the UFMG librarians' point of  
view***

**Maria da Conceição Carvalho<sup>1</sup>  
Rosemary Tofani Motta<sup>2</sup>  
Cleide Aparecida Fernandes<sup>3</sup>**

**Resumo**

Apresenta os resultados de uma investigação realizada junto aos bibliotecários do Sistema de Bibliotecas da UFMG no que se refere ao posicionamento destes frente à questão da

---

<sup>1</sup>Professora da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Mestre em Ciência da Informação. Doutoranda em Literatura Comparada. E-mail: [mccarv@eci.ufmg.br](mailto:mccarv@eci.ufmg.br)

<sup>2</sup>Bibliotecária. Mestre em Ciência da Informação. Especialista em Conservação e Restauração de documentos. Coordenadora do Laboratório de Preservação de Acervos da Escola de Ciência da Informação da UFMG. E-mail: [tofani@eci.ufmg.br](mailto:tofani@eci.ufmg.br)

<sup>3</sup>Bacharel em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação/UFMG. Bibliotecária da Escola da Serra/BH. E-mail: [cleideafernandes@eci.ufmg.br](mailto:cleideafernandes@eci.ufmg.br)

preservação de acervos culturais sob a custódia da Universidade. Descreve e analisa a prática profissional relativa às ações de preservação no âmbito da UFMG.

## **Palavras-chaves**

# **PRESERVAÇÃO DE ACERVOS POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

## **1 INTRODUÇÃO**

### **1.1 PRESERVAÇÃO DE ACERVOS: ESTADO ATUAL DA QUESTÃO**

Um relatório apresentado pela UNESCO em 1976/7 (KATHPALIA, 1984) sobre o estado de conservação de acervos de bibliotecas e arquivos em países em desenvolvimento constatou estágios avançados de degradação tendo, como causas principais os fatores climáticos, dotação orçamentária insuficiente, locais inadequados de armazenamento, utilização de materiais não tratados e de técnicas superadas nos reparos e restauração, mas, também e, em grande parte, causados pela negligência na manipulação e falta de pessoal especializado na área.

Estudos nacionais da década de 1990 (NASSIF, 1992; BIANCARDI, 1996; CARVALHO, 1997; GOMES, 2000) mostram que a situação no Brasil é muito semelhante à relatada pelo pesquisador indiano, especialmente no que se refere à atitude dos indivíduos, de usuários comuns a profissionais, diante do problema da preservação de acervos culturais. De modo geral, tais pesquisas apontam para um baixo nível de sensibilização e conscientização por parte de profissionais da informação e de usuários acerca do valor social do patrimônio documental mantido pelas bibliotecas. Contudo, para que se evite distorções

graves em investigações desse tipo, é necessário contextualizar o olhar do indivíduo para os bens culturais do seu tempo colocando o valor atribuído a tais bens como inter-relacionado a outras percepções (ou falta de) culturais e sociais.

De fato, as atitudes da sociedade em geral e dos profissionais do livro em particular em relação aos acervos culturais têm variado, conforme a época e o lugar, do extremo respeito a um objeto sacralizado por seu conteúdo intelectual inacessível à maioria ou pela admiração pelo artefato belo e raro, à relação transitória com o objeto descartável e substituível. Os padrões vigentes no século XX na fabricação do livro (qualidade inferior do papel, encadernações frágeis), a multiplicidade de novos suportes informacionais e as possibilidades de reformatação são aspectos que, pode-se pensar, favoreceram atitudes como o pouco cuidado no armazenamento e manuseio, sem falar na insensibilidade generalizada diante da deterioração e destruição de coleções de grande valor histórico e bibliográfico (HARVEY, 1992). Quanto aos bibliotecários, pode-se questionar até que ponto estão preparados para compreender o problema da preservação de acervos na sua complexidade, vale dizer, na totalidade do processo histórico da transmissão da cultura (DI FRANCO, 1988).

Usados em geral, de maneira pouco precisa até os anos 80, os termos *preservação*, *conservação* e *restauração* apresentam hoje, na literatura da Ciência da Informação e da Arquivologia, uma precisão conceitual maior, reflexo do interesse crescente em relação à questão. Assim *preservação* tem um sentido abrangente, incluindo todas as considerações administrativas baseadas em políticas estabelecidas que devem prever desde o projeto de edificações e instalações, até a seleção, aquisição, acondicionamento e armazenamento dos materiais informacionais, assim como o treinamento de usuários e de pessoal administrativo. A *conservação* implica em técnicas e práticas específicas relativas à proteção de materiais de diferentes formatos e natureza física (papel, tecido, couro, registros magnéticos) contra danos, deterioração e decomposição. Por *restauração* compreenda-se as intervenções técnicas sobre os componentes materiais de um documento já deteriorado, praticadas por especialistas em laboratório, com o propósito de

recuperá-lo para a forma tão próxima quanto possível do original e com sacrifício mínimo da integridade estética e histórica da peça.

A relação possível e desejável entre preservação e uso dos bens culturais vem ganhando nos centros especializados (HARVEY, 1992) uma nova abordagem, no bojo de um interesse mais amplo e global com a conservação do meio ambiente. A preservação da herança cultural da humanidade deixa de ser uma preocupação unicamente de bibliotecas, arquivos e museus e passa a ser discutida no contexto da ecologia enquanto disciplina científica, inserindo-a como peça importante para o desenvolvimento sustentável, definido pela Comissão Brundtland (ONU) em 1987 (HARVEY, 1992; SEN, 2004) como o desenvolvimento social, econômico e cultural que atende às demandas do passado sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

A Eco 92, o grande encontro mundial realizado no Rio de Janeiro em 1992, levantou questionamentos e apresentou propostas para a busca de sociedades humanas mais justas, sustentáveis e participativas, incluindo-se aí a urgência de se preservar e compartilhar os bens culturais, artísticos e informacionais produzidos e acumulados pelo homem. O reexame, conceitual e prático da relação preservação/uso dos bens culturais, armazenados e disseminados pelas bibliotecas deverá ser o eixo ordenador da tarefa de bibliotecários que desejem formular políticas de preservação de acervos públicos ou privados que contribuam para a utilização coletiva e responsável do patrimônio documental da sociedade no século XXI.

## 1.2 UNIVERSIDADE E PRESERVAÇÃO DE ACERVOS

Nas últimas décadas, segundo a literatura consultada, bibliotecários, arquivistas e museólogos vêm, ainda que lentamente, respondendo aos desafios impostos pela inter-relação preservação/uso da informação. Mas, se o conjunto de discussões e reflexões gerado até agora em centros de pesquisa estrangeiros e nacionais mostra, de um lado, uma evolução no conceito de preservar, tomado sob a perspectiva da administração científica; por outro lado traz denúncias graves sobre o

pouco ou nenhum impacto que esses novos conceitos têm causado na rotina das bibliotecas. Assim, na sua vertente atual, interligada à preservação de bens renováveis, a preservação de bens culturais abre um amplo leque de questões a serem investigadas, desde a necessidade de se conhecer e estimular o posicionamento dos bibliotecários nesse sentido, que é o que se propõe nessa pesquisa, passando pelos estudos de usuário sobre, por exemplo, vandalismo e aceitação de novos formatos, chegando-se à questão da proposição e desenvolvimento de políticas e programas cooperativos, em níveis locais, nacionais e internacionais. A abordagem e o tratamento de tais questões constituem condição *sine qua non* para que as bibliotecas desempenhem, a contento, o seu papel histórico de preservadoras e disseminadoras da cultura.

De sua parte, a universidade, instituição por excelência encarregada de criar, preservar e disseminar o conhecimento e a cultura, atribui um papel significativo nessa tríplice tarefa às suas bibliotecas e aos seus bibliotecários. De fato, sabe-se que promover a infra-estrutura bibliográfica, documental e informacional como apoio aos objetivos e funções daquela instituição é função específica das bibliotecas universitárias. Mas é oportuno perguntar: que compreensão têm os bibliotecários dessas tarefas confrontadas com o lema proposto por Boyle (1988) *Conservar para servir* numa época de fronteiras nebulosas entre o público e o privado e definições imprecisas dos direitos e deveres do cidadão e do Estado? Quais serão as crenças e os papéis dos bibliotecários universitários referentes à preservação, participantes privilegiados que são da responsabilidade de administrar significativa parcela do conhecimento gerado no passado e em construção no presente? E no contexto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que representação fazem os bibliotecários do ato de preservar?

Um estudo sobre as condições de preservação da Biblioteca Central (BC) da UFMG, (NASSIF, 1992) recomendava que novos estudos sobre a questão fossem realizados no contexto maior da Biblioteca Universitária (BU), órgão coordenador do Sistema de Bibliotecas da UFMG (SB/UFMG), apontando para uma realidade merecedora de novas e diversificadas avaliações. Em vista disso, reflexões elaboradas paralelamente à leitura da literatura produzida sobre o problema conduziram à definição de uma linha de investigação que procurasse alcançar a

questão da preservação de acervos no contexto da UFMG, privilegiando-se a ótica dos bibliotecários.

Com base nessas considerações o objetivo geral foi assim definido: detectar as concepções que norteiam a prática dos bibliotecários do SB/UFMG no campo da preservação de acervos com vistas a identificar as questões mais significativas que possam subsidiar reformulações no ensino e nas políticas e práticas de preservação de acervos dentro da UFMG. E os objetivos específicos, a) detectar as concepções dos bibliotecários do SB/UFMG sobre a relação preservação/uso de acervos de bibliotecas; b) apreender o nível de sensibilização dos bibliotecários do SB/UFMG para com a questão da preservação de acervos culturais; c) identificar necessidades de educação e treinamento de bibliotecários na área de preservação de acervos; d) identificar questões relativas à preservação de acervos no âmbito do sistema de bibliotecas da UFMG, com vistas à elaboração de uma política de preservação de acervos para o mesmo sistema.

Este artigo se estrutura em três partes: na primeira, da qual este parágrafo faz parte, faz-se uma reflexão sobre a problemática da preservação de acervos na atualidade com menção à função das universidades nesse contexto. O desenvolvimento do processo de pesquisa, incluindo-se aí a análise dos resultados, aparece na segunda parte. Na terceira e última são apresentadas as conclusões.

## **2 METODOLOGIA**

Os objetivos da pesquisa definiram a busca de dados sobre a formação e a prática profissional dos informantes em preservação de acervos culturais, mas sinalizaram, do mesmo modo, para a prospecção de indicadores de natureza subjetiva, crenças e atitudes, aspectos tidos, a partir da nossa hipótese, como pouco elaborados, até aquele momento em nível formal, pelos sujeitos pesquisados. Neste sentido, tinha-se claro, desde o princípio, que a pesquisa deveria ser desenvolvida em duas fases complementares, utilizando-se recursos metodológicos diferenciados, fornecidos pela pesquisa qualitativa, devendo significar, a passa-

gem de uma fase à outra, um aprofundamento das questões que se queria investigar. Assim, a primeira fase constituiu-se do levantamento de hipótese concebida a partir de um determinado apoio teórico no campo da Preservação de Acervos; da definição da amostra, da escolha pelo uso do questionário semi-aberto para coleta de dados; da elaboração e aplicação dos questionários; da tabulação dos dados dos questionários. Na segunda fase foi realizado um seminário com a participação dos bibliotecários juntamente com os pesquisadores. O objetivo era aprofundar os dados levantados na primeira fase.

Durante todo o período da pesquisa trabalhou-se com a certeza de que pensar o problema da preservação de acervos culturais na sua dimensão humana implicaria em um trabalho contínuo de tentar descobrir novos rumos, que deveriam se constituir através do desenvolvimento do estudo.

## 2.1 A AMOSTRA

Definido o SB/UFMG como universo a ser pesquisado pensou-se em ouvir os bibliotecários, alvo da pesquisa, a partir de tipos específicos de bibliotecas (espaço/acervo a ser preservado) e selecionadas dentro de critérios considerados elementos intervenientes no estado de conservação das coleções. Assim, dentre as 28 bibliotecas que compõem o SB/UFMG, foram selecionadas 11 (onze), correspondendo a 39,2% do total. São elas: Biblioteca Central (BC), Biblioteca da Escola de Arquitetura, Biblioteca da Escola de Ciência da Informação (ECI), Biblioteca da Escola de Música, Biblioteca da Faculdade de Direito, Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), Biblioteca da Faculdade de Letras (FALE), Biblioteca da Faculdade de Medicina, Biblioteca do Centro Pedagógico (CP), Biblioteca do Instituto de Geociências (IGC) e Carro-biblioteca do Centro de Extensão da ECI.

Esclarecendo, as bibliotecas das Faculdades de Medicina, de Direito e da Escola de Arquitetura, localizadas na região central de Belo Horizonte, de tráfego intenso, foram incluídas a partir da hipótese de que seus materiais estariam expostos a um grau maior de poluição atmosféri-

ca do que as outras bibliotecas situadas no *campus* da Pampulha. O aspecto do tamanho do acervo está representado pelas bibliotecas da FAFICH, FALE, Medicina e BC, com coleções consideradas grandes, como por exemplo, a coleção da FAFICH considerada a maior do sistema com 83640 livros. A biblioteca do CP, que atende a crianças e adolescentes de 1ª a 8ª séries do primeiro grau, e o Carro-biblioteca do Centro de Extensão da ECI que atende comunidades da periferia de Belo Horizonte foram selecionados pela especificidade do seu público. E as bibliotecas da Escola de Música, do IGC e da Escola de Arquitetura, pelo tipo diferenciado de suporte que compõem as suas coleções como discos em vinil, CDs, capas de discos em papel, partituras, mapas, slides, fotografias, filmes, livros de arte, entre outros. Por fim, a biblioteca da ECI teve importância para este estudo por fazer parte do corpo institucional onde se dá a formação acadêmica de bibliotecários administradores de preservação, através de disciplinas teóricas e práticas, cursos de curta duração e estágios no Laboratório de Preservação de Acervos (LPA).

Foram escolhidos como informantes os bibliotecários-chefe de cada unidade substituídos, eventualmente, pelo bibliotecário responsável pela formação e desenvolvimento de acervos. Pretendeu-se, com esta amostra, atingir prioritariamente os gestores de coleções, isto é, aqueles bibliotecários em posição de planejar e gerenciar programas de preservação de acervos.

Contudo, como o lapso de tempo entre a realização de uma fase e outra foi maior que o inicialmente planejado, por fatores que fugiram ao controle dos pesquisadores, os bibliotecários que agora ocupavam os cargos de chefia nas bibliotecas pesquisadas e que foram convidados a participar do, assim chamado, seminário da segunda fase, já não eram, em sete bibliotecas, os mesmos que haviam respondido ao questionário aplicado na primeira fase. Desse modo, para se chegar o mais perto possível de dados confiáveis e atualizados, os pesquisadores julgaram necessário solicitar a este grupo de bibliotecários que também respondesse ao questionário, no sentido de suplementar os dados colhidos junto ao grupo anterior. Embora informando sobre uma situação em parte modificada no decurso dos três anos de intervalo entre uma coleta e outra, estes sete bibliotecários têm em comum, com o grupo anterior, a graduação em Biblioteconomia, na mesma Universidade e no mesmo

período, o que garante, no entender dos pesquisadores, a homogeneidade do corpo amostral.

## 2.2 A COLETA DE DADOS

O questionário foi o instrumento escolhido para a coleta de dados na primeira fase da investigação, cujos resultados deveriam apontar, como de fato ocorreu, para novas questões, de abordagem mais complexa, que foram discutidas na segunda fase, descrita mais adiante. Através do questionário levantou-se dados referentes a quatro sub-temas: a) formação profissional dos bibliotecários responsáveis pelas coleções da UFMG, especificando-se grau de conhecimento/atualização na área de preservação; b) prática profissional dos bibliotecários relativa às ações de preservação, conservação e restauração; c) atitudes: relato de um incidente ocorrido recentemente na biblioteca, envolvendo a questão de preservação de bens culturais; d) crenças gerais dos bibliotecários sobre o papel da biblioteca universitária na preservação de acervos.

Após o retorno de todos os questionários enviados, procedeu-se à análise dos dados da primeira fase, cujos resultados davam conta de situações concretas do cotidiano dos sujeitos pesquisados, mas denunciavam concepções insuficientemente elaboradas no campo da preservação de acervos. Conforme esperado, tais resultados sinalizavam para a necessidade de se complementar a coleta de dados com recurso metodológico diferenciado, numa segunda fase, capaz de estimular a população observada não apenas a identificar seus problemas, mas a realizar, dialeticamente, a análise crítica destes. Do mesmo modo, ficou mais evidente a necessidade de se criar, junto com o grupo de bibliotecários pesquisados, um espaço de discussão sobre o significado de ações e relações não explícitas na prática cotidiana para se buscar, por último, as soluções adequadas, não isoladamente, mas no contexto da coletividade da qual fazem parte. Conforme exposto acima, em setembro de 2003, o questionário foi aplicado novamente ao grupo de bibliotecários que substituíram, no cargo de chefia, em sete bibliotecas, os primeiros informantes. Os outros bibliotecários apenas checaram as respostas dadas por eles próprios anteriormente, informando so-

bre alguma alteração ocorrida naquele intervalo de tempo. Verificou-se que, no espaço de tempo decorrido entre uma aplicação e outra do questionário a situação das bibliotecas pesquisadas, de modo geral, havia mudado muito pouco em relação à preservação do acervo.

Assim, com o objetivo de aprofundar os dados coletados na primeira fase, realizou-se um seminário, colocando-se, frente à frente, pesquisadores e pesquisados (dos onze bibliotecários selecionados, compareceram seis lotados, respectivamente, no IGC, BC, Música, FALE, ECI e Arquitetura).

O ponto de partida, o resgate da prática de conservação nas bibliotecas da UFMG, através dos questionários, foi retomado neste segundo momento, de acordo com as exigências e recursos da pesquisa participante, começando com a apresentação e discussão dos resultados, incluindo novas reflexões sobre conceitos e categorias de preservação. E, como o objetivo final almejado é, de fato, o retorno otimizado à prática, esse encontro abriu espaço para a exposição de planos e metas dos bibliotecários no que toca à preservação dos acervos específicos, tirando-se partido do discurso presencial e da manifestação dos atores acerca de sua consciência possível sobre a situação.

## 2.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados colhidos através do questionário foram tratados estatisticamente. Para maior aprofundamento da análise, este conjunto de dados objetivamente medidos foi, em seguida, cruzado com aqueles coletados durante o encontro da segunda fase, analisados segundo diretrizes da análise de conteúdo<sup>4</sup> (TRIVIÑOS, 1990, p.158-162). Buscou-

---

<sup>4</sup> O método da análise de conteúdo, segundo Triviños, é especialmente indicado para o estudo das motivações, atitudes, valores, crenças, tendências, presentes em comunicações orais ou escritas, mas nem sempre expressos de maneira clara à primeira vista. São três etapas no trabalho com a análise de conteúdos: pré-análise (reunião e organização das informações); descrição analítica (codificação, classificação e categorização do material organizado na etapa anterior); interpretação inferencial (estabelecimento de relações e

se desta forma apreender, tanto quanto possível, as percepções dos sujeitos sobre o problema em questão e o significado que a preservação tem para eles, como profissionais bibliotecários. Nesse sentido a atenção dos pesquisadores esteve dirigida não apenas ao conteúdo manifesto do discurso dos bibliotecários participantes da pesquisa, mas fez-se, igualmente, um esforço para se desvendar os sentidos subjacentes àquele mesmo discurso. O objetivo era, afinal, que o fenômeno da preservação de acervos na UFMG pudesse ser entrevisto tanto no seu lado concreto, o tratamento físico dado aos acervos, quanto no aspecto mais subjetivo, as crenças e valores pessoais dos agentes de preservação. Esperava-se, tanto quanto possível, desvelar as construções e as contradições presentes no papel que lhes é confiado de responsáveis pela guarda do patrimônio da Universidade.

### **3 RESULTADOS**

Os resultados serão apresentados seguindo-se a seqüência dos quatro sub-temas que estruturam o questionário, expostos no item 3.2. Assim:

#### **3.1 FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

##### **3.1.1 Graduação, pós-graduação e extensão**

Os entrevistados são, na totalidade, bacharéis em Biblioteconomia, formados pela Escola de Ciência da Informação da UFMG (ex-Escola de Biblioteconomia) entre os anos 1976 e 1993, sendo que seis destes cursaram disciplina obrigatória “Preservação de acervos de bibliotecas” oferecida no período de 1987 a 1998.

---

aprofundamento das conexões no que se refere às idéias levantadas, com base no conhecimento teórico do campo em questão, não descartando o uso da reflexão e da intuição.

Um informante do primeiro grupo cursou uma disciplina (ch 30h) sobre preservação de acervos em curso de pós-graduação em Arquivologia na ECI, nível aperfeiçoamento. Apenas um fez curso de conservação promovido pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (ch 80h) e dois informaram ter freqüentado cursos de atualização e seminários de preservação de acervos, sem especificar instituição promotora e carga horária. Nenhum pesquisado da segunda enquête fez curso em nível de pós-graduação na área; dois freqüentaram cursos oferecidos pela Biblioteca Nacional e pelo Laboratório de Preservação de Acervos da ECI.

A Escola de Ciência da Informação da UFMG tem merecido destaque dentre as instituições brasileiras de formação de bibliotecários por oferecer disciplinas no campo da preservação/conservação de acervos, em nível de graduação e pós-graduação, desde meados da década de 1970, como também pela infra-estrutura no setor, representada pelo Laboratório de Preservação de Acervos (GOMES, 1990), e ainda, pelo número razoável de publicações sobre o tema de autoria de professores e bibliotecários desta instituição. Uma vez que os bibliotecários pesquisados são todos egressos dessa Escola, já era esperado, portanto, que esse corpo técnico tivesse uma formação mínima, formal, na área de preservação de acervos. Contudo, além dos seis respondentes formados no período em que o *curriculum* da ECI incluía uma disciplina obrigatória nesse campo de estudos parece modesto o número, apenas um em nível de graduação e dois em nível de pós-graduação, de bibliotecários que voltaram à Universidade ou a outras instituições para se atualizarem sobre a questão da preservação, seja em nível de graduação ou de pós-graduação.

Partindo do princípio de que todo bibliotecário deve ter conhecimentos básicos sobre a problemática geral da preservação de acervos, chamou a atenção dos pesquisadores, durante o seminário da segunda fase da pesquisa, no momento em que os depoentes expunham para o grupo sua formação especializada em preservação e seu interesse pessoal pela área, a falta de clareza entre o papel do conservador e do administrador de preservação. O conservador é o profissional habilitado a interferir concretamente nos documentos, a partir de uma formação específica (disciplinas dos cursos de Biblioteconomia/Arquivologia/Museologia/Artes, cursos de extensão em instituições ligadas à preservação, etc.) e pode estar lotado nas bibliotecas, arquivos e museus ou atuar de forma

terceirizada. Ao administrador de preservação cabe coordenar uma equipe, cujos membros desempenham funções segundo os saberes específicos com relação à organização, divulgação e conservação de acervos culturais. Como chefe/coordenador de biblioteca deve ter conhecimentos gerais de preservação, mas não precisa atuar em laboratório/oficina, já que sua função é estabelecer políticas e administrar recursos humanos e materiais, de acordo com a proposta global da instituição a que pertence. Esse aspecto merece ser enfatizado já que o bibliotecário que não possui, ou não quer desenvolver as habilidades específicas da conservação de documentos no sentido estrito da intervenção em laboratório/oficina, costuma ver-se distanciado do problema da preservação de acervos na sua totalidade. Em outras palavras, é costume entender como atividade de preservação/conservação/restauração (a confusão já começa pela indefinição dos conceitos) apenas a conservação em laboratório, de peças isoladas, sem se atentar para o fato de que, o bibliotecário/arquivista, ao planejar e administrar o patrimônio de uma instituição cultural já está executando a gestão da preservação de acervos, função da maior importância no que se refere à permanência e duração da memória cultural de uma nação. Segundo nos parece, cumpre ao curso de Biblioteconomia rever a abordagem dada à preservação de acervos nos seus *currícula*, que, quando existe, costuma ser demasiado centrada na prática acrítica de reparos de documentos isolados e não inserida na questão mais complexa do desenvolvimento de coleções.

## 3.2 PRÁTICA PROFISSIONAL RELATIVA ÀS AÇÕES DE PRESERVAÇÃO

### 3.2.1 Necessidade de informação sobre preservação e fontes de consulta mais procuradas

Perguntou-se no questionário a frequência com que os bibliotecários sentem necessidade de informação na área de preservação/conservação na sua rotina de trabalho e a totalidade dos entrevistados res-

pondeu *frequentemente*, descartando as opções *nunca* e *raramente*. Em seguida, os bibliotecários informaram sobre as fontes de informação mais usadas quando se deparam com problemas de preservação/conservação sendo que as opções *consulta a bibliografia especializada* e *consulta a colegas* aparecem em primeiro e segundo lugar, respectivamente, com dez e nove respostas. O alto índice de consulta à bibliografia especializada é um dado relevante e positivo. Foi mencionado o valor, como fonte de consulta, da coleção de textos traduzidos para o português pelo Projeto de Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (BECK, 1997).

Nove dos informantes consultam colegas de profissão além da bibliografia especializada, um visita instituições similares e outros dois buscam consultoria externa sem terem, contudo, declinado nomes. Um bibliotecário respondeu que resolve suas necessidades a partir dos seus próprios conhecimentos sobre o assunto, tendo cursado a disciplina obrigatória no Curso de Biblioteconomia, além de ter frequentado um curso de preservação na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Tais resultados, contudo, suscitaram outros questionamentos, que demandaram atenção na segunda fase. Por exemplo, a alta incidência de *consulta a colegas* estaria revelando, de fato, a existência de uma rede informal de informações de qualidade sobre o tema entre bibliotecários da UFMG e conservadores de outras instituições brasileiras e/ou estrangeiras (não foram citados nomes, lembre-se)? Ou, ao contrário, poderia significar uma dificuldade de comunicação dos bibliotecários com os centros formais de informação sobre preservação/conservação? Ou, ainda, existiria na atuação dos bibliotecários, frente à preservação, uma inércia no sentido de não se buscar novas fontes de informação e conhecimento, permanecendo-se com as fontes conhecidas, embora não as melhores? Sabendo-se que no *campus* da UFMG funcionam o Laboratório de Preservação de Acervos (LPA), na Escola de Ciência da Informação e o Centro de Conservação e Restauração de Bens Móveis (CECOR), na Escola de Belas Artes, surpreende o fato de apenas um respondente ter mencionado explicitamente um desses centros, o LPA, como fonte de consulta por parte da chefia da biblioteca sob sua responsabilidade. Tendo em vista que os próprios bibliotecários pesquisados decla-

raram ter *frequentemente* necessidade de informação especializada sobre preservação de acervos, o que explicaria o distanciamento entre as bibliotecas da UFMG e esses centros especializados em conservação de acervos? Desconhecimento das linhas de trabalho e dos recursos dessas unidades? Falta de confiança neste trabalho? Outros problemas de comunicação?

Essas questões foram apresentadas e discutidas no encontro do grupo, na segunda fase da pesquisa. A necessidade de conhecimentos interdisciplinares foi ressaltada e a bibliotecária da Escola de Música, por exemplo, relatou a busca de orientação para solução de problemas específicos junto aos professores da Escola e a profissionais de som, e ainda a físicos e profissionais da computação.

O dado mais significativo sobre o desenrolar da questão da preservação de acervos no contexto da UFMG é a criação de duas comissões específicas. Em 2001, através de portaria da Reitoria é criada a Comissão Permanente de Acervos, constituída por representantes e especialistas das Escolas de Arquitetura, Belas Artes, ECI, Música, do CECOR, da FALE e do Departamento de História para assessorar a Reitoria no que se refere a problemas relativos ao patrimônio histórico (museus, edificações), e à organização, descrição e conservação de arquivos, coleções e fundos documentais. E, em 2003, a Comissão de Preservação de Acervo, por portaria interna da BU/UFMG, com o objetivo de “estabelecer procedimentos adequados visando à preservação e integridade dos acervos bibliográficos e arquivísticos do Sistema de Bibliotecas da UFMG”, com a participação de seis bibliotecários do SB/UFMG e da coordenadora do LPA. Não obstante a dimensão positiva que a criação dessas comissões prenuncia, o diálogo entre os bibliotecários presentes ao encontro, mediados pelos pesquisadores, revelou um embasamento ainda frágil sobre a questão da preservação do patrimônio histórico-cultural da universidade, inclusive com equívocos de natureza conceitual, o que reforça nossa impressão de que os cursos de Biblioteconomia devem repensar a dimensão política e de gerenciamento da preservação, indo além do ensino de *como fazer reparos*, geralmente o enfoque dado às disciplinas que cobrem o tema.

### 3.2.2 Práticas usuais de preservação de acervos

Solicitados a identificar as ações de preservação praticadas, usualmente, nas suas bibliotecas os respondentes apontaram quatro tipos gerais de ações:

a) limpeza dos documentos e estantes: curiosamente, apenas três informantes declararam no questionário ser esta uma prática em suas bibliotecas. Tal situação é preocupante uma vez que a higienização, como se sabe, é uma ação básica e essencial de conservação preventiva, de execução simples e de baixo custo. É importante notar que até mesmo a limpeza geral do ambiente praticada em toda biblioteca deveria ser considerada pelos bibliotecários como uma ação de conservação preventiva. Já durante o seminário, solicitados pelos pesquisadores, os bibliotecários mencionaram o programa de limpeza das bibliotecas da UFMG por uma firma terceirizada, declarando-se, em unanimidade, insatisfeitos com esse trabalho pela falta de preparo dos funcionários para trabalhar com a limpeza de material bibliográfico. Esse problema já mereceu, inclusive, um artigo da, então, Diretora da Biblioteca Universitária da UFMG;

b) reparos gerais: mais da metade dos informantes apontou os pequenos reparos em documentos como a prática mais freqüente nas suas bibliotecas. Na primeira enquete, apenas uma biblioteca, entre as onze questionadas, possuía uma oficina de conservação na própria unidade passando a duas na segunda enquete. Evidentemente, não há necessidade de que cada biblioteca tenha sua própria oficina, tendo em vista os altos custos aí implícitos. O importante é que os responsáveis pelas coleções da Universidade se certifiquem de que os reparos, praticados na biblioteca ou por empresas terceirizadas, tenham a qualidade mínima preconizada pelos especialistas em conservação;

c) encadernação: a encadernação executada na própria unidade foi apontada por dois informantes. Quatro bibliotecas terceirizam o trabalho de encadernação sendo que um bibliotecário manifestou preocupação com a baixa qualidade dos encadernadores contratados. O restante dos informantes não informa sobre esse tipo de reparo;

d) educação/treinamento de usuários/funcionários: ainda que no questionário apenas cinco respondentes apontem a educação de usuários como ação de preservação praticada em suas bibliotecas e não mais que um mencione a educação de funcionários, durante o seminário este foi o aspecto que mais animou a discussão do grupo. De modo geral percebe-se, por parte dos bibliotecários, a preocupação em se transmitir aos usuários da informação uma nova mentalidade em relação ao respeito ao patrimônio coletivo, embora nenhum dos informantes tenha relatado, de maneira explícita e detalhada, o tipo de programa de educação de usuários adotado nas respectivas bibliotecas. Apontou-se, com ênfase, como maior complicador para a adoção de programas sistemáticos de educação de usuários a frequência cada vez maior de alunos/professores externos à UFMG. Quanto à educação de pessoal foi apontado como problema o despreparo dos funcionários terceirizados de limpeza, conforme já mencionado, e o sistema de devolução de documentos emprestados, que pode se dar em qualquer das bibliotecas da UFMG. Em outras palavras, os documentos devolvidos em diferentes bibliotecas do Sistema podem ser muito manuseados até chegar, por malote, à biblioteca de origem, o que pode ser mais um fator de deterioração. Contraditoriamente a essa preocupação geral, debatida oralmente, a inclusão mínima de programas de educação de funcionários nas respostas ao questionário é um dado preocupante, sabendo-se que o trabalho de conservação é uma corrente em que todos os elos têm importância vital e devem, portanto, ser sensibilizados e estimulados através da educação.

### **3.2.3 Opinião sobre o estado de conservação do acervo das bibliotecas pesquisadas**

Indagados sobre o estado de conservação do acervo que gerenciam, os bibliotecários revelaram posicionamentos diferentes e contraditórios. Dez dos respondentes afirmaram que o acervo da biblioteca pela qual respondem está em *condições razoáveis* de conservação; um respondeu *boas condições* e nenhum apontou a resposta *más*

*condições*. Entretanto, apenas dois puderam indicar a data em que foi feita uma avaliação do estado da coleção. Cinco afirmaram que nunca foi realizado um diagnóstico, um não soube informar e três respostas não puderam ser aproveitadas. Tais respostas sugerem um entendimento pouco satisfatório sobre o alcance da tarefa diagnóstica para o gerenciamento de preservação de coleções uma vez que, sem um diagnóstico técnico que levante dados objetivos sobre o estado da coleção torna-se difícil tomar decisões administrativas sobre a conservação do acervo. Em resumo, o desconhecimento do que é e como se elabora um diagnóstico de conservação de coleções de documentos, dificulta a tomada de decisões no gerenciamento de acervos e coloca em risco a durabilidade e a permanência das coleções de qualquer instituição cultural inclusive, neste caso específico, da UFMG.

### 3.3 CRENÇAS GERAIS SOBRE O PAPEL DA BU EM RELAÇÃO À PRESERVAÇÃO DO ACERVO

Sete informantes responderam a esta questão focalizando, sobretudo, os problemas que têm dificultado o desempenho do papel de mantenedor do patrimônio cultural, inerente à Universidade. Foram citados inexistência de políticas de preservação, implicando em trabalho de conservação preventiva, no seu aspecto geral, programas de educação de usuários, dotação orçamentária específica para a preservação de acervos, melhoria das instalações físicas das bibliotecas e a formação de pessoal especializado.

Os informantes demonstram uma preocupação sobre a responsabilidade do SB/UFMG em preservar o rico patrimônio documental dessa universidade, definida, nas palavras de um declarante, como “um compromisso moral e ético” para com a cultura brasileira. Entretanto, o silêncio de quatro pesquisados diante da questão pode sugerir que a dimensão política do ato de preservar permanece insuficientemente considerada no meio profissional bibliotecário brasileiro mesmo entre aqueles profissionais que possuem alguma formação específica na área, como é o caso dos bibliotecários formados pela UFMG. Na primeira enquete

feita por questionário discordavam entre si sobre o peso dado pela administração do SB/UFMG à preservação de acervos e, dentre os sete que responderam à questão, apenas um acreditava que houvesse uma preocupação formal da Instituição, a UFMG, com o problema da preservação dos acervos sob sua custódia. Dois outros respondentes enxergavam, naquele momento, ações isoladas, mas denunciavam a falta de uma política global de preservação dentro da UFMG, inclusive para enfrentar o grande volume de roubos e mutilações que essas coleções sofriam por parte dos usuários. Um pesquisado enfatizou a necessidade de se buscar parcerias entre as bibliotecas do SB/UFMG, a coordenação do Sistema e a ECI acreditando, inclusive, na possibilidade de se alocar um bibliotecário especialista em preservação em cada biblioteca da UFMG.

#### 4 CONCLUSÃO

A tomada de consciência dos gestores de patrimônios culturais em relação às questões de preservação vai acontecer, no Brasil, a partir da década de 90 do século XX, enquanto outros países da Europa e da América do Norte, em razão de diferentes histórias nacionais já vivenciavam, por esta época, um estágio posterior às fases de sensibilização e conscientização (HARVEY, 1992) quanto ao patrimônio cultural, sendo comum ali, a prática de projetos cooperativos em nível local, nacional e internacional.

Pode-se dizer que a ECO 92 representou para os brasileiros um *aggiornamento* tardio para as questões de preservação ambiental e cultural. Tanto na vertente ambiental quanto na cultural, então vistas separadamente, os aspectos técnicos do *como fazer* ainda se sobrepujam ao sentido político, mais amplo, quando se discutia o problema da preservação. A partir dos anos 90, entretanto, um novo paradigma, no interior da questão ecológica, passa a sugerir uma nova lógica para o processo de conservação patrimonial. As questões clássicas *por que preservar e para quem preservar* começam, então, a ser repensadas pelos nossos gestores culturais de uma maneira mais abrangente. Fica

evidente a necessidade de queimar etapas e começam a surgir ações significativas por parte de instituições culturais, de forma independente do Estado envolvendo, inclusive, a participação da população comum. Difunde-se, além disso, a certeza de que o desenvolvimento sustentável deverá ser tema fundamental nos diferentes níveis do processo educativo nos próximos decênios e que o papel dos educadores e outros mediadores culturais deverá ser decisivo para uma mudança de mentalidade.

Entretanto, no universo bibliotecário, os avanços são ainda tímidos, como mostra esta investigação junto a uma parcela de profissionais da UFMG. Embora cientes da complexidade da questão da preservação de acervos culturais, agravada na atualidade pela rápida obsolescência da informação digital, a maior parte dos bibliotecários participantes da pesquisa se mostrou hesitante entre a pretensa obrigação de fazer eles próprios, os reparos de conservação, e o papel gerencial de estabelecer e fiscalizar a aplicação de políticas de preservação de acervos, de planejar e desenvolver programas de educação de usuários e de funcionários, além de alocar recursos para a preservação. Reconhecem a universidade como lugar de produção e de manutenção do patrimônio cultural de um país, mas contraditoriamente, não estão suficientemente preparados como gerentes do acervo documental da Instituição, para assumir a responsabilidade da preservação desse mesmo acervo. Mas a contradição, justiça lhes seja feita, não é inerente à personalidade e à seriedade que se espera destes profissionais, mas à própria formação acadêmica em Biblioteconomia que tem atribuído, nas grades curriculares, destaque insuficiente à questão da preservação de acervos culturais, sobretudo neste momento em que a preservação da memória passa a ser vista como base para o exercício de uma cidadania planetária e sustentável.

Se considerarmos, enfim, que os resultados dessa investigação retratam o pensamento de um grupo de bibliotecários egressos de um curso de Biblioteconomia pioneiro no Brasil na formação em preservação de acervos é possível prever que, em todo o território nacional, muito há por se fazer em defesa da preservação dos nossos bens culturais e documentais.

## ***Abstract***

*It presents the results of an investigation accomplished with the librarians AT UFMG's Library System, concerning their position towards the matter of preservation of cultural collections under the University custody. It describes and analyses the professional practise related to the actions of preservation inside UFMG's sphere.*

## ***Key-words***

***LIBRARY PRESERVATION  
PRESERVATION POLICIES  
UNIVERSITY LIBRARIES***

## REFERÊNCIAS

BECK, Ingrid (Coord.). *Conservação preventiva em bibliotecas e arquivos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. 52v.

BIANCARDI, A. R. *A morte dos acervos*: um estudo psico-social do vandalismo em bibliotecas. 1996. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1996.

BOFF, Leonardo. *Ecologia*: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

BOYLE, L. E. *Le biblioteche e la posterità. Bolletino Ist. Centr. Patol. Libro*, Roma, v.42, p.181-190, 1988.

CARVALHO, Cláudia S. Rodrigues de. *O controle ambiental para preservação de acervos com suporte em papel na concepção dos edifícios de arquivos e bibliotecas em clima tropical úmido*. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

DI FRANCO, M. L. Dalla patologia del libro alla conservazione dei beni librari: la struttura degli istituti di ricerca tra management e tradizione. *Bolletino Ist. Centr. Patol. Libro*, Roma, v.42, p.191-200, 1988.

GOMES, Neide Aparecida. *O ensino de conservação, preservação e restauração de acervos documentais no Brasil*. 2000. 101f. Dissertação (Mestrado Ciência da Informação) – Faculdade de Estudos Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

GOMES, Sônia de Conti. O Laboratório de Preservação de Acervos da Escola de Biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 98-103, mar. 1990.

HARVEY, R. *Preservation in libraries*: principles, strategies and practices for librarians. London: Bowker, 1992.

KATHPALIA, Y. P.; UNESCO. *Programme d'enseignement modèle pour la formation des spécialistes de la conservation et de la restauration des documents*: une étude RAMP. Paris: [UNESCO], 1984.

NASSIF, Mônica E. *Subsídios para a formulação de políticas de acervos de bibliotecas*: um estudo de caso. 1992. 130f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

SCHREIBER, Maria Romano. A biblioteca como ambiente ecológico. *Kriterion*, Belo Horizonte, v.14, n.57-58, p.453-474, 1961.

SEN, Amartya. Por que é necessário preservar a coruja-pintada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 mar. 2004. Caderno Mais! p.16-18.

SILVEIRA, Júlia Gonçalves da; LOPES, Marlene de Fátima Vieira. Gestão de conservação preventiva no contexto da Biblioteca Universitária da UFMG: ações extensionistas via interação com a empresa Atlan Serviços, visando a qualificação de seus funcionários. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12, 2002, Recife. *Anais...* Recife: UFPe, 2002. (CD-Rom).

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Biblioteca Universitária. *Portaria Interna n. 01/2003*, de 14 de fevereiro de 2003. Cria a Comissão de Preservação de Acervo. Belo Horizonte, 14 fev. 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Reitoria. *Portaria n. 00581*, de 27 de fevereiro de 2003. Determina as competências da Comissão Permanente de Acervos. Belo Horizonte, 27 fev. 2003.